

«UM LIVRO QUE SÓ SE ENCONTRA UMA VEZ NA VIDA.»

EMILY HENRY

Palavras Cruéis

Ríoghnach Robinson

A todos aqueles que amei.
Obrigada por me terem ensinado a fazê-lo.

John Keats, cuja vida uma crítica foi ceifar,
Quando a grandeza ameaçava despontar […]
Infeliz! Aziago foi o seu destino;
É estranho que a mente, essa partícula sem tino,
Se deixe extinguir por um comentário ladino.

— Lord Byron, *Don Juan*

Um só leitor verdadeiro é quanto basta para me convencer do valor do meu trabalho.

— Dubravka Ugrešić, *A Muzzle for Witches*

CAPÍTULO UM

Parker Navarro

Cheguei a casa numa manhã fria de outubro e encontrei o Arthur, com quem dividia o apartamento, a anunciar uma catástrofe.

Estava sentado à mesa da sala de jantar a escrever com um frenesim tal que o matraquear nas teclas do portátil se assemelhava a um solo de bateria. Este foi o primeiro sinal de alerta — não tanto a escrita frenética, mas o facto de ele estar fora da cama. O relógio tinha acabado de marcar as dez horas, e Arthur Leung era o tipo de notívago viciado em computadores que nunca se levantava antes das onze, a não ser em casos de emergência.

O segundo sinal de alerta: sobressaltou-se quando abri a porta. Como um gato ao ver um borrifador. Levantou a cabeça bruscamente e, durante um instante, não se mexeu.

Em seguida, sacudiu o cabelo para trás e, com a voz de alguém a quem o raptor dissera para agir com naturalidade, declarou:

— Oh, olá, Parker! Como estás? Como correram as coisas no supermercado? — Os seus olhos fixaram-se nos sacos que trazia nas mãos.

— Hum… — respondi, enquanto me descalçava no tapete da entrada. — As coisas no supermercado correram bem.

— Ias comprar iogurtes, certo? Compraste iogurtes?

— Comprei. — Um compasso de espera. — Os iogurtes eram urgentes?

— Não! Está tudo bem, não há problema.

Pousei os sacos na bancada da cozinha sem desviar os olhos dele. Se estivesse a ser interrogado, este tipo desbroncava-se à primeira pergunta. Evitava o meu olhar, abanando o pé de tal forma que as vibrações percorriam o seu metro e noventa de altura. Em poucos segundos, surgiu-lhe um brilho pálido na testa.

— E então — disse-lhe calmamente —, o que é que se passa, meu? Está tudo bem?

Um músculo tremeu-lhe no maxilar. Antes que pudesse perguntar se os seus amigos e familiares ainda tinham todos os membros, ele fechou o portátil com força e anunciou:

— Não vás à Internet.

A minha preocupação transformou-se num fosso de pavor.

— Arthur. O que é que se passa?

Mas eu já sabia a resposta.

Sabia que, de alguma forma, apesar dos *e-mails* que tinha enviado à minha editora a implorar-lhes que impedissem o cenário que começava a desenhar-se, a Selina Chan, da *City Magazine*, tinha conseguido um exemplar de pré-lançamento do meu segundo romance.

Há quatro verões, não havia pessoa no mundo editorial que não falasse do meu romance de estreia. O livro intitulava-se *These Extraordinary Times* e, três dias depois de ter começado a apresentá-lo a agentes literários, o Bill Owens, da renomada Owens Agency, apanhou um avião para vir ter comigo à Bay Area, levou-me a comer *sushi* caro e disse-me, como quem não quer a coisa:

«Este livro vai ser um sucesso. Deixa isso comigo.»

Uma semana depois, já ele tinha vendido o manuscrito por 1,2 milhões de dólares num leilão entre nove editoras.

O mês passou num turbilhão de festejos. Recebi uma enxurrada de mensagens de amigos com quem não falava há anos: Puto, acabei de ver o teu Instagram. Que cena incrível lol!!!, assim como *e-mails* dos meus professores da universidade: Caro Parker, foi com prazer que recebi as boas notícias sobre o seu romance. O departamento deseja-lhe todas as felicidades. Cumprimentos, Elias.

Mal podia acreditar — depois de anos a tentar arranjar alguns minutos, raros, para escrever, anos a sofrer por causa de cada página, este meu sonho de infância estava prestes a concretizar-se.

These Extraordinary Times foi vendido à Lauren Nilsen, uma veterana da indústria com 70 anos da Coronation Books que falava ao telefone com frases longas e elegantes, como se tivesse ido buscar inspiração a Daphne du Maurier. Em janeiro, os exemplares promocionais

com capa aveludada já geravam filas à porta das feiras profissionais e, em maio, eu estava a dar entrevistas esmagadoras nas quais tentava falar sobre o livro e os entrevistadores insistiam em falar sobre mim. A três meses da publicação, o *These Extraordinary Times* estava na calha para ser considerado livro do ano.

Até que, na manhã de 11 de junho, uma crítica literária chamada Selina Chan publicou a sua recensão na edição *online* da *City Magazine*. Foi a minha primeira crítica de relevo.

Este foi o parágrafo mais simpático:

> These Extraordinary Times *é um fiasco soporífero onde dez mil frases floreadas unem esforços para não dizer absolutamente nada. As cenas começam a ganhar forma para serem imediatamente torpedeadas por uma saraivada de fogo de artifício pós-moderno — seis páginas de notas!, um interlúdio contado na forma de uma folha de cálculo! —, como se o Sr. Navarro tivesse vergonha de ser apanhado a chafurdar na tarefa de somenos importância dos verdadeiros escritores: escrever um parágrafo que possa efetivamente interessar ao leitor.*

Em poucas horas, a crítica ganhou força, sendo partilhada por toda a Internet com comentários sarcásticos:

> **@wolvescandlesfelt:** Folgo em saber que há editoras que gastam 1,2 milhões de dólares no primeiro trabalho do Workshop de Escrita Criativa que este menino fez, no qual se destacam frases como: «Através da pele delicada da sua pálpebra, o próprio órgão era em tudo semelhante a uma uva.» Vómito :)
>
> **@servingkant:** restam apenas duas diretrizes na literatura contemporânea, se é que a escrita moderna ainda pode ser considerada literatura, a saber: sondar avidamente novas profundezas do superficial e elevar candidamente o lodo dragado do nadir artístico coletivo
>
> **@sierrasnax:** Lol é por isso que detesto ver autores asiáticos a escrever livros dirigidos a pessoas brancas… este gajo é rei a odiar quem é

> **@Patriot27Max:** Não é incrível assistir à esquerda a comer-se a si mesma? É o que dá quando as editoras se vendem a romancistas woke!
>
> **@LanaLanaLand:** Isto é tudo muito bonito, mas, vá lá, alguém ficou chocado? Yale aparece chapada na bio dele. É assim tão estranho ver que o mundo editorial ESTÁ entregue a homens heterossexuais ricos sem ponta de talento que vivem da fortuna da família e usam os seus contactos da Ivy League para colocar os seus livros execráveis nos escaparates?

— Mas eu *não fiz* contactos do mundo editorial em Yale — balbuciei ao telefone ao Bill. — A minha família não tem… Ouve, acho que eu devia responder e dizer…

— *Nem pensar*.

— Mas e se eu…

— Parker! Não. Nunca se responde a esta gente.

— Mas eles não sabem quem eu sou! Estão a inventar uma imagem de mim que não existe!

— Não importa. És superior a isto tudo. Sempre houve um elemento de completa idiotice na cultura. Repete comigo: não importa.

Apoiei a mão na parede com força, ouvindo a tinta fresca chiar sob as pontas dos meus dedos. Na verdade, a reação do público leitor parecia importar muito. Importava porque eu tinha comprado um apartamento na zona norte de Brooklyn há três semanas, quando ainda acreditava que teria um rendimento estável com a escrita e não que a escrita nunca mais me renderia um tostão, até ao fim dos meus dias. Importava porque as pessoas estavam a pressupor coisas sobre os meus pais, os quais já se tinham sentido muito envergonhados quando paguei o empréstimo da casa da minha mãe, e depois do T1 pouco apresentável onde o meu pai tinha vivido nas duas décadas após o divórcio. Essa era a verdade sobre a «fortuna da família», e para mim a verdade importava.

— Não importa — repeti, mantendo o tom de voz baixo e controlado.

— Nem mais — disse o Bill. — Olha, Parker, até tiveste sorte. Nada disto é muito grave, mas estas coisas podem tornar-se desagradáveis.

— Desagradáveis? E isto é o quê, engraçado e divertido?

— Não, claro que não. Mas um crítico que não gosta do teu estilo? Tens de contar com isso se escreveres qualquer coisa minimamente interessante. O que importa é que ela não recorreu a ataques pessoais.

— Vou escrever-lhe um postal a agradecer.

O Bill soltou uma gargalhada.

— É difícil, eu sei, mas tens de comer e calar.

E assim foi. Recostei-me e vi a crítica da *City* abrir caminho até aos recantos mais obscuros da Internet. Era o efeito Selina Chan. Dois anos antes, uma das suas críticas laudatórias na *City* tinha arrancado um futuro vencedor do Booker Prize da obscuridade. Por outro lado, as suas críticas menos abonatórias provocavam este tipo de reação instantânea, quase como o coice de uma espingarda. Seria de pensar que ela fosse uma luminária veterana do mundo da crítica, mas não; na realidade, era apenas dois anos mais velha do que eu.

Comecei a sentir um nó de fúria no estômago ao ver a sua foto, uma imagem irrealmente lisonjeira que um qualquer fotógrafo teria retocado durante horas no *Photoshop*: a Chan de braços cruzados sobre uma secretária enorme, com madeixas de cabelo negro a escapar de um coque meticulosamente despenteado, olhos escuros enterrados sobre as salientes maçãs do rosto, a boca perfeitamente simétrica e fechada numa linha inexpressiva.

Um a um, os restantes críticos seguiram o seu exemplo. «Inflamado e exaustivo», discorreram. «Não consegue justificar a sua própria existência.» No final, o livro em que eu tinha trabalhado arduamente durante seis anos tornou-se um daqueles fracassos que surgem uma vez num século, entrando timidamente para a posição 87 da lista de *best-sellers* do *USA Today* durante uma única semana antes de desaparecer. Eu tinha custado milhões à minha editora.

Ainda assim, tinha duas coisas que a maioria dos escritores não tem: tempo e dinheiro. Quando me cansei de passar dias inteiros na cama e de dizer, meio a brincar, meio a sério, que estava a pensar em atirar-me para a frente de um comboio, abri um novo caderno e, dois anos depois, a Lauren comprou o meu segundo manuscrito, *High and Dry*, por 15 mil dólares.

Obviamente, pedi à Coronation para não enviar um exemplar à *City*. Ainda assim, em algumas alturas de fraqueza a altas horas da noite,

imaginava a Selina Chan a ler o *High and Dry*. Conseguia vê-la, na sua poltrona Chesterfield algures dentro de uma mansão mal iluminada, a virar as páginas com aquela expressão impenetrável. Imaginava-a a perceber que, para seu espanto, adorava o livro que tinha nas mãos.

Fantasiava com a crítica elogiosa que ela escreveria, cujas frases frias e precisas admitiriam o quanto se tinha enganado a meu respeito. Escreveria que eu era, na verdade, um talento único numa geração, possivelmente um génio.

Mas depois lembrava-me de que tinha mais que fazer do que ficar obcecado com um membro presunçoso e injustamente poderoso do meio literário, e voltava a detestar cada átomo do seu ser.

— Parker? — disse o Arthur. — Estás bem?

Mal o ouvi. Tinha-me sentado no sofá e estava a olhar pela janela, a ver o parque do outro lado da rua com as suas famílias sorridentes. De repente, a luz do outono pareceu-me ténue, como se cada raio de sol fosse permeado por uma teia de aranha.

— Ei.

A preocupação na voz do Arthur trouxe-me de volta. Bastou um olhar para a forma como se aproximava de mim, avançando pela borda do nosso tapete com passos lentos e cautelosos, para perceber que estava a traçar estratégias para as próximas semanas, a pensar numa lista de amigos que me convidassem para sair, a planear perguntas que não parecessem intrusivas acerca da toma da minha medicação. Podia até chegar ao ponto de cozinhar para nós, o que seria, isso sim, uma verdadeira catástrofe.

— Sim, estou bem — respondi rapidamente. — Obrigado.

— Tens a certeza? Não fiques deprimido por causa disto, Park. Ela não merece.

— Não estou deprimido. Estou só… — Lá fora, as folhas amareladas dos carvalhos estremeciam nos ramos. Levantei-me com esforço. — Estou só um pouco irritado.

— A sério? — O Arthur pareceu agradavelmente surpreendido.

— Sim. — Encaminhei-me para a cozinha e comecei a enfiar as compras no frigorífico já a transbordar. — Quer dizer, ela não precisava de o fazer. Ela… ela podia ter ignorado o livro. Certo?

— Certo.

— Então, porque é que *insiste* em atacar-me? — O congelador chiou quando enfiei uma caixa de hambúrgueres vegetarianos à força lá dentro. — Será que a matei numa vida passada?

— Meu, é exatamente isso que tenho vindo a dizer há três anos! A minha teoria é que ela agora odeia os livros todos. Leu tantos que já não consegue sentir coisas como «prazer», por isso tem de descarregar a sua amargura no alvo mais próximo.

— Talvez. Não sei… As outras críticas dela parecem diferentes. — Fechei a porta do congelador e encostei a testa à superfície fria, sentindo a frustração esmorecer tão depressa como se tinha acendido. — Meu Deus, o que é que eu faço agora? O Bill nunca mais vai vender nada que eu escreva. Tenho um empréstimo para pagar.

O Arthur encostou-se à bancada ao meu lado.

— Ainda bem que o primeiro fez de ti um milionário da noite para o dia, certo?

Não respondi.

— Espera aí — continuou o Arthur. — *Espera aí*. Parker. Por favor, diz-me que não gastaste todo o teu adiantamento em apostas ou coisa que o valha.

— Não, não. É que… — Suspirei. — Então, o meu agente ficou com 15% de comissão, e 40% foram comidos pelos impostos, certo?

— Certo.

— A seguir, paguei as casas dos meus pais, os empréstimos da universidade da minha irmã e…

— Espera, a sério? Da Elena ou da Christi?

— Da Elena. A Christi e os meus irmãos já pagaram os deles. — Apontei para o apartamento. — E comprei esta casa. Dei 35% de entrada para poupar nos juros.

O Arthur nunca tinha perguntado quanto custara o nosso apartamento, mas sabia tão bem como qualquer pessoa que, nesta zona de Nova Iorque, um milhão de dólares eram trocos. Conseguia vê-lo a fazer as contas, a perceber que a minha fortuna sem fim desapareceria em poucos anos.

— Sou tão estúpido — murmurei. — Onde é que eu tinha a cabeça?

O Arthur recompôs-se.

— Ei, vá lá. Não querias que a tua família se afogasse em dívidas, e sempre quiseste viver em Nova Iorque. Foi isso que te passou pela cabeça. — Quando não respondi, ele sacudiu-me pelo ombro. — A cena da *City* vai passar, está bem? O livro vai ser lançado em… janeiro?

— Fevereiro.

— Fevereiro! Ninguém se vai lembrar disto em fevereiro. A Selina Chan é uma detratora profissional. Não podes deixar que ela te afete.

Apesar de tudo, o ar altivo do queixo do Arthur fez-me sorrir. Regra geral, era um tipo íntegro, um ativista incansável que nunca deixava de emanar aquela sensação de estar sempre a tentar convencer-nos de alguma coisa. Sempre invejei a sua determinação.

Conhecemo-nos num seminário de escrita em Yale. Ambos estávamos a trabalhar em contos irremediáveis que giravam à volta de coincidências «chocantes» que não teriam chocado ninguém que tivesse um córtex pré-frontal funcional. O Arthur integrava agora a equipa de comunicação da Macmillan, e conseguia sempre descobrir pequenos romances bizarros pelos quais eu acabava por me apaixonar. Desde que ele gostasse do que eu escrevia, podia agarrar-me à minha autoestima.

Ainda estava com os olhos postos em mim, expectante.

— Obrigado — disse-lhe. — Sim. Talvez ninguém ligue.

— Nem mais. — Deu-me uma palmada nas costas e prendeu o cabelo despenteado num rabo de cavalo. — Vamos à tal festa esta noite e não pensamos mais nisso, está bem?

Soltei um riso cansado. O Arthur tinha sido convidado para uma festa comemorativa do centenário de uma editora chamada Maynard--Roth Editions, e tinha passado a semana a tentar convencer-me a ir com ele. Neste momento, sentia-me tão sociável como um monge cartuxo, mas se tinha aprendido alguma coisa da última vez era que ficar em casa a afogar-me em autocomiseração não era, de todo, um mecanismo de defesa útil.

— Está bem — assenti. — Conta comigo.

Em seguida, retirei-me para o meu quarto, entrei no *site* da *City Magazine* e preparei-me para o pior.

A segunda obra de Parker Navarro é uma busca por significado no percurso diário de um motorista de autocarro

POR SELINA CHAN

A vida está cheia de rotinas extenuantes. O novo romance de Parker Navarro, *High and Dry*, lembra-nos deste facto inexorável, mas provavelmente não da forma desejada pelo autor. Ao longo destas seiscentas páginas, Navarro convida o leitor a entrar na vida de Dave Hernandez-Gretzky, um motorista de autocarro de Houston que faz um único percurso, de manhã à noite. Quando quarenta dias de chuva assolam o Texas, Dave mantém-se fiel aos seus padrões preestabelecidos, fazendo o percurso que lhe foi atribuído, mesmo enquanto o nível das águas sobe por toda a cidade.

Uma premissa fértil […]. [I]nfelizmente, o Parker Navarro que escreve *High and Dry* é praticamente o mesmo escritor que, há três anos e meio, nos brindou com *These Extraordinary Times*, um hino ao realismo histérico que parecia ter sido arrancado das trincheiras do início dos anos 2000. Navarro propõe-se a usar a rotina de Dave para criticar a circularidade absurda da forma como vivemos. Em vez disso, acaba por fazer o que faz melhor: submeter o leitor a centenas de páginas de divagações informes […], [uma] abordagem irritantemente oblíqua e amestrada àquilo que deveria ser material vibrante e dramático […]. [S]e um escritor não consegue olhar de frente para realidades incómodas, como pode satirizá-las? Como pode ele expor o absurdo da vida se está visivelmente receoso de que

os outros o considerem absurdo? E, o que é mais desconcertante, como consegue Navarro escrever tanto e comunicar tão pouco?

Numa cena memorável, uma criança de 7 anos, perdida, entra no autocarro de Dave […], [um] momento pleno de humanismo interrompido — e quem me dera que isto fosse uma piada — pela entrada de um jacaré mutante que adquiriu o poder da fala. Os leitores de *These Extraordinary Times* vão lembrar-se deste tique: a forma como Navarro subverte todos os momentos promissores, demonstrando uma confrangedora hipervigilância que torna dolorosa a leitura até mesmo de um escritor habilidoso. Se *High and Dry* fosse menos desesperado na apresentação de desculpas neuróticas pelo seu próprio conteúdo, seria talvez capaz de explorar adequadamente qualquer um dos milhares de pensamentos que voam desordenadamente pela cabeça do seu protagonista superficial e irritante.

Com a sua extensão criminosa e inconsistências tonais descabidas, este é mais um romance em busca de uma ideia, redigido por um escritor que confunde grandiloquência com sagacidade. A rotina mais penosa de todas poderá muito bem ser abrir um novo livro de Navarro, assolada pela dúvida constante de saber se o autor terá efetivamente algo para dizer.

CAPÍTULO DOIS

Selina Chan

— Já saiu.

Levantei os olhos do meu livro com relutância.

— O quê?

Kellie Cade, a outra editora sénior da *City Magazine*, espreitou para o meu gabinete como fazia sempre, com o queixo apoiado na ombreira da porta.

— A tua crítica ao *High and Dry* — esclareceu. — Acabou de ser publicada.

— Ah.

A Kellie estalou os dedos.

— Ei. Não faças essa cara. É uma boa crítica.

— Uma crítica que nunca deveria ter-me sido atribuída.

— Provavelmente. Mas o pessoal na Internet está a adorar. Talvez isso faça com que os senhores dos cliques nos deem folga durante uma semana. — Lançou um olhar para o corredor. — A propósito, a Hayden já chegou para a reunião.

— O quê? Porquê?

— Não sei. Para despedir o resto do pessoal?

— Obrigada por essa teoria inspiradora.

A Kellie esboçou um sorriso que lhe afilava os olhos em riscos verdes e maliciosos.

— Sempre às ordens. Vemo-nos lá. — E desapareceu com um movimento rápido de cabelo.

Sozinha, suspirei e deixei que a Lauren Groff se fechasse sobre o meu colo. A Kellie sempre esteve mais em sintonia com os pensamentos e sentimentos das pessoas *online* do que eu; a minha presença nas redes

sociais resumia-se a uma conta no Venmo. E, ao contrário do que a Internet certamente pensava de mim, não me agradava a ideia de ter pessoas a aplaudir uma crítica negativa, sobretudo de um livro que eu nunca quis ler.

Tirei o exemplar de pré-lançamento de *High and Dry* da minha secretária. Bastou um olhar para a capa sombria e salpicada de chuva para que a minha frustração voltasse a dar sinais de vida.

Nunca daria palmadinhas nas costas a um escritor por algo que ele *pudesse* vir a escrever. Deixava isso para um professor de Inglês encorajador e para amigos e familiares generosos; mas, se me apontassem uma arma e me obrigassem a falar sobre esse conceito tão duvidoso que é o de *potencial*, teria de admitir que Parker Navarro tinha disso a rodos. O tipo conseguia escrever frases que nos atiravam ao chão com um só murro. Daquelas descrições que fazem o leitor olhar para a sala à sua volta com novos olhos, consciente da textura, da cor e da sensação que ela transmite.

Mas também parecia perversamente desinteressado em dar qualquer sentido às suas expressões caprichosas e baléticas. Era um Pavarotti a cantar uma palavra sem sentido. Um Van Gogh depois de passar por uma trituradora de papel.

A dimensão vertiginosa do seu potencial, e a profundidade correspondente da perda que estes livros horríveis representavam.

Levantei-me e atirei o livro para cima da secretária com a capa virada para baixo, expondo a fotografia de um pensativo Navarro. Camisola cinzento-escura arregaçada até aos cotovelos. Cabelo de aspeto sedoso que se erguia acima da testa. Por um instante, imaginei os seus olhos escurecidos a seguirem-me com um brilho de acusação a faiscar naquele preto e branco brilhante.

Ridículo. Pus o portátil debaixo do braço, saí do gabinete decididamente e segui pelo corredor. À minha esquerda, as silhuetas enevoadas dos verificadores de factos moviam-se de um lado para o outro atrás de portas de vidro fosco. À direita, capas emolduradas da *City Magazine*, alinhadas nos painéis de madeira que compunham as paredes. Reproduções dos anos 60 com influências de Warhol. Uma boca de néon gritante de 1987. Quando dobrei a esquina, já tinha tirado o Parker Navarro da cabeça.

Acreditava demasiado na crítica para perder tempo com culpa. Quando os críticos escreviam com sinceridade, permitiam que o público os usasse para atalhar a conversa fiada e encontrar os livros que iluminavam os seus mundos. Mas se recuássemos diante dos nossos sentimentos, pedíssemos desculpa e hesitássemos, tornar-nos-íamos absolutamente dispensáveis.

Eu só tinha uma vida. Queria passá-la rodeada de excelência, de bom vinho, chocolate negro e boas leituras. Queria que todos tivessem isso. Quantos livros consegue uma pessoa ler numa vida? Mil, cinco mil, dez mil? Um mundo sem crítica seria como o catálogo da Amazon, com trinta milhões de títulos.

Sem a crítica, teria morrido sem conhecer *Asylum Piece*, de Anna Kavan, um cirúrgico volume de histórias plenas de isolamento e incompreensão, o qual tinha sido elogiado pela Marcy D'Artagnan de forma entusiasta na *City Magazine* — um livro que me salvou a vida aos 16 anos.

Num mundo sem discernimento, doido por dar uma oportunidade a tudo, poderíamos morrer sem provar chocolate. Não me arrependia.

Entrei na biblioteca às 10h59, ao som da Hayden a entoar:

— Aí vem ela! A nossa rainha assassina!

Esbocei algo que, para todos os efeitos, poderia ser considerado um sorriso e olhei para a poltrona ao canto, onde se sentava uma mulher alta, de queixo afilado, na casa dos 40, vestida de caxemira bege e com os olhos postos num *iPhone* do tamanho da sua cara. Hayden Fairbanks. Em abril, quando a *City* foi comprada por um fundo de capital de risco chamado Nextward Capital Associates, tinha-se tornado nossa supervisora.

No entanto, nunca a tínhamos visto na biblioteca. A sua presença parecia intrusiva. As estantes preenchiam a totalidade deste santuário da sede da *City*, exibindo as centenas de autores — Ellison, Faulkner, Sontag — que tinham publicado trabalhos nas nossas páginas.

— As reações são *ótimas* — prosseguiu a Hayden, de olhos postos no ecrã do telemóvel. — E tu que não querias escrever isto. Não te disse que eras a pessoa ideal?

Claro que sim. Eu já estava habituada aos eufemismos. A pessoa ideal. A perspetiva necessária. A verdade era que, como única redatora

americana de origem asiática da *City*, era praticamente obrigada a expor a nossa opinião sobre tudo o que estivesse relacionado com a diáspora continental.

Não importa que Parker Navarro fosse um filipino-americano de terceira geração, o filho californiano de pais californianos, e os meus pais tivessem imigrado do norte da China para o Minnesota na década de 1980. As nossas origens distavam cerca de dois mil e quinhentos quilómetros uma da outra. Mas ninguém parecia dar importância a isso.

— Obrigada, Hayden. — Sentei-me rigidamente à mesa redonda de carvalho com cinco metros de diâmetro, cujas pernas, quatro garras pesadas, tinham deixado marcas profundas num tapete persa centenário. Quando entrei para a revista, éramos vinte e seis sentados à volta desta mesa durante as reuniões editoriais. Agora, éramos catorze.

— Respira fundo — murmurou a Kellie, girando a caneta nas costas da mão.

— Estou a tentar — retruquei baixinho.

O relógio marcou as onze e a porta abriu-se para dar passagem ao nosso editor-chefe, que trazia o semblante combativo de um general no centésimo dia de cerco. O Scott Goodwin era editor da *City* há vinte anos. A cada ano que passava, parecia mais adequado ao cargo, com a sua barba grisalha bem aparada e uma sucessão de fatos caros de bom corte.

Deixou-se cair na cadeira, arregaçou as mangas até aos antebraços e entrelaçou os nós dos dedos artríticos.

— Bom dia a todos — começou. Os seus olhos desviaram-se para a Hayden, mas não se demoraram. — Vamos começar com as reportagens especiais. Joyce, o que tens?

Olhámos para a nossa editora de reportagens especiais, a Joyce Crafton, uma mulher com ar de duende na casa dos 60, cujos tufos de cabelo grisalho se projetavam do couro cabeludo em todas as direções. Isso, combinado com os seus olhos grandes e esgazeados, dava-lhe um ar de vítima recente de eletrocussão.

— Que tal a Teresa Cagle? — perguntou ela. — Tenho uma ideia para o seu último livro, *Pathogenius*, aquele com a estrutura narrativa sobre alienígenas? Quero colocá-lo em diálogo com *A Guerra dos Mundos*.

— Qual é a ideia principal? — perguntou o Scott.

— Então… — A Joyce ajustou os óculos de leitura com a ponta de um dedo trémulo. — Num contexto pandémico, tenho refletido bastante sobre a questão dos ambientes áridos. A salvo de doenças, sim, mas hostis à vida: será isso mais reconfortante ou ameaçador? A forma como os dois livros…

A Hayden pigarreou. Catorze pares de olhos fixaram-se no canto onde ela se encontrava, ainda com o telemóvel junto à cara, como se estivesse prestes a devolver uma videochamada importantíssima.

— Olá — disse, abrindo um sorriso largo, de bochechas rosadas como uma boneca vitoriana assombrada. — Desculpem interromper a reunião. É tão bom voltar a ver-vos!

Ninguém respondeu.

— Estava aqui a pensar… — prosseguiu a Hayden, olhando para a Joyce. — Quem é essa Teresa Cagle? *Path*… Qual é o título do livro?

— Oh, é maravilhoso, chama-se *Pathogenius* — disse a Joyce rapidamente, inclinando-se para a frente na cadeira, de modo que os óculos lhe escorregaram novamente para a ponta do nariz. — Foi lançado em julho.

— Boa! Então, é um êxito de verão? O livro da estação?

— Bem… não propriamente. Não recebeu a atenção que merecia.

— Oh, que chatice. — O sorriso da Hayden esmoreceu. — E a autora é…

— Teresa Cagle. Um prodígio. Lançou a sua primeira coleção em 2003. Seguiu-se um romance em 2012, que creio que foi finalista do National Book Critics Cir…

A Hayden, que tinha regressado ao telemóvel, disse:

— Certo, estou a ver o livro. Uau. Uma dúzia de críticas na Amazon. — Franziu a testa numa expressão compungida. — Não sei, Joyce…

Lancei um olhar preocupado à Kellie, que encolheu os ombros salpicados de sardas. Aparentemente, a Nextward já não se contentava em enviar *e-mails* ao Scott duas vezes por semana para se queixar do nosso tráfego. Tinham destacado a Hayden para a fonte, para garantir que a nossa cobertura tivesse toda a emoção de um pãozinho sem sal.

— Entendido, Hayden — disse o Scott, com uma contenção palpável. — Não obstante, *Pathogenius* é um livro excelente. Posso enviar-te um exemplar, se quiseres.

A Hayden riu-se.

— Certo, mas agora a sério, e as listas dos Dez Melhores que a Alicia preparou no mês passado? Tiveram um bom desempenho. — Lançou um olhar encorajador à Alicia, uma das nossas assistentes editoriais, que estremeceu. — Porque não te debruças sobre isso durante uma ou duas semanas, Joyce? Precisamos de mais uns quantos. — As suas unhas tamborilaram no ecrã do telemóvel. — E acabei de vos enviar a todos uma lista de livros que tenho visto por aí. Seria ótimo se publicássemos algumas críticas sobre eles enquanto estão na berra.

Uma dúzia de *trackpads* de portáteis clicaram quando abrimos o *e-mail*, e a Kellie tossiu para disfarçar o riso. A lista da Hayden pareceu-me imediatamente familiar, composta metade pela lista de leitura de Barack Obama e metade pelas seleções de outubro dos clubes de leitura de maior relevo.

Mantive a voz firme.

— Hayden, infelizmente não temos capacidade para isto. O nosso calendário de críticas já está preenchido para as próximas semanas.

— Ah… Sabes, fico *mesmo* feliz que tenhas falado na produção. Estou para ter esta conversa há algum tempo. O que acham de usarmos a IA para aumentar a produção de conteúdo da equipa?

Um silêncio ensurdecedor tomou conta da mesa redonda. Ao meu lado, a caneta da Kellie parou a meio de um retrato rabiscado da Hayden. Uma mancha de tinta alargou-se até engolir o olho esquerdo.

— Achamos muito mal — disse o Scott, num tom de voz que sugeria que a sua vontade era esfolá-la viva.

A Hayden alternou o olhar entre os nossos rostos chocados e soltou uma pequena gargalhada.

— Pessoal, vá lá! Sejamos realistas. Estão a competir com *sites* repletos de IA. É claro que queremos preservar o espírito deste *projeto*, mas, bem vistas as coisas, isto é um negócio. Dinheiro que entra, dinheiro que sai. Precisamos de mais tráfego *online* se quisermos continuar a pagar por — uma pausa, enquanto gesticulava na nossa direção — *isto*. — Levantou-se e colocou a mala ao ombro. — Pensem nisso! Ninguém está a dizer que não podem dar o vosso toque pessoal.

Enquanto se dirigia para a porta, lançou um breve olhar na direção do Scott, como se ele fosse um estagiário não remunerado em vez de um homem que moldara a cultura americana durante décadas.

— *Muito* obrigada por me deixares assistir à reunião, Scott. — Fez um compasso de espera na soleira da porta e acrescentou, com um olhar perspicaz: — Foi muito esclarecedor.

Fechou a porta atrás de si, deixando um silêncio esmagador na sua esteira.

No final do dia de trabalho, encontrei-me com o meu amigo Jacob para tomarmos um copo no Meatpacking District, num restaurante italiano comprido e estreito como um beco. Bebemos cada um o seu copo de vinho branco da casa, a dez dólares cada, servidos com parcimónia.

— O Scott não vai permitir que isso aconteça — aventou o Jacob. — Pois não?

— O Scott mais depressa ateava fogo à redação do que tocava na IA.

— Ótimo. Preciso de saber que as tuas críticas são fruto de ódio totalmente natural e artesanal.

Esbocei um sorriso.

— Estou a ver que leste a crítica do *High and Dry*.

— Li, pois. — O Jacob riu-se. — Diria que é um livro assim para o fraquinho.

— Não precisamos de falar sobre isso.

— A minha boca é um túmulo — disse ele. Brindámos e bebemos.

Conheci o Jacob no nosso primeiro dia na orientação na Columbia por um acaso alfabético: Selina Chan, Jacob Chau. Mesmo naquela altura, já era bonito, com aquele seu ar de professor. Cabelo espesso e ondulado, *blazer* descontraído, barba por fazer. Era o tipo de pessoa que esperaríamos ver a ajustar os óculos enquanto recitava factos sobre Sartre. O que fazia amiúde.

Todos pensavam que se passava algo sórdido entre nós, apesar dos cinco anos de casamento feliz do Jacob. É verdade que namorámos durante cerca de um mês no nosso último ano, mas era difícil expressar a falta de sentimentos românticos que eu nutria por ele desde então. O seu estilo passivo e de «deixar as coisas acontecer» sempre me pareceu um teste psicológico torturante — como é que alguém podia ter tão poucas opiniões sobre como passávamos os nossos dias? — e o sexo era de fugir, um ato amoroso feito de toques lânguidos e sussurros românticos que me tinha aberto o apetite para as aulas de boxe.

Soube que a relação estava condenada para sempre quando ele me perguntou, com curiosidade genuína, porque me importava tanto com os comentários dos outros alunos, num *workshop* que eu estava a frequentar.

— Porque eles não fizeram as leituras, Jacob — tinha-lhe respondido. — Basta olhar para as caras deles para ver que não leram o livro.

— E então? — Retrucara com uma gargalhada bem-humorada. — Isso prejudica de alguma maneira a *tua* compreensão do livro?

Eu nem sabia por onde começar para responder àquilo. O Jacob, nascido e criado no Upper East Side, talvez não percebesse, mas eu tinha atravessado meio país e contraído uma dívida de oitenta mil dólares para obter aquele diploma. Estávamos na Columbia, caraças. Eu devia estar sentada numa sala cheia de pessoas excecionais que se esforçariam, que se *importariam*, de maneiras excecionais, e não de alunos privilegiados que começavam todas as frases com «Hum… com base no que disse Addison…». Podia ter tentado explicar a minha frustração durante horas e, mesmo assim, isso não teria feito sentido para o Jacob.

Mas claro que o adorava. Era o meu melhor amigo e admirava diariamente a sua bondade e humildade. Gostava muito da mulher, a Cassie, uma bióloga molecular e alpinista que, com a sua lista interminável de planos de viagem e o seu desejo de controlar minuciosamente cada pormenor, sempre fora a companheira ideal para o Jacob. E adorava ir a casa deles e ver as formas novas e criativas que a filha de 1 ano, a Lyra, encontrava de destruir os móveis importados.

— Como está a Cassie? — perguntei. — Espera, ela gostou do livro da Isa Serrano?

— Não é bem o estilo dela. Disse que era «demasiado policial».

— *Demasiado policial?*

O Jacob fez um gesto apaziguador.

— Calma, calma. O que conta é a intenção.

Era uma provocação. Lancei-lhe um olhar pouco impressionado e bebi um gole do meu vinho.

— O quê, não vais dizer? — Endireitou-se da sua postura encurvada habitual para imitar a minha. — Não é a intenção que conta, é a execução!

— E *é* a execução que conta — murmurei.

O Jacob riu-se.

— Apanhei-te.

Esbocei um sorriso.

— E a pequena *gremlin*? Já desenvolveu algum sentido de ética?

— Não. Acho até que está cada vez pior. — O Jacob escondeu um bocejo com as costas da mão.

— Ainda não vos deixa dormir?

— Não — respondeu, apático. — Voltou a ter pesadelos.

— Lamento. Posso fazer alguma coisa? Rever alguma coisa? — perguntei. O Jacob era redator de propostas de financiamento para uma organização sem fins lucrativos de saúde global. Sempre que me enviava uma proposta para lhe dar um retoque final, eu caía em mim e percebia que havia, de facto, aspetos mais urgentes na escrita do que a beleza da linguagem. — Ou… diz-me se precisares que tome conta dela. Para tu e a Cassie poderem fazer uma sesta.

— Obrigado, Lina. — O Jacob esfregou um olho com o nó do dedo. — Sinto falta de dormir, mas sinto ainda mais falta de *fazer* coisas. Passamos metade das nossas vidas a balbuciar sobre quando costumávamos sair juntos. Já para não falar de andar a cavalo na Croácia.

— São os efeitos do milagre que é trazer uma nova vida ao mundo.

— Sim, a culpa é nossa.

Assim que terminámos o vinho, pegámos nos casacos e avançámos pelo estreito corredor do restaurante.

— Para onde vais? — perguntou o Jacob.

— Para o FiDi. A uma festa de uma editora. O Scott fez-nos prometer a todos que iríamos.

— *Tu* vais a uma festa? A uma *quarta-feira*?

— Eu sei. Mas é só um copo e depois vou para casa. — Ao sairmos para a rua, o vento fresco da noite soprou sobre os nossos cabelos. Inclinei-me para o abraçar.

— Boa sorte — disse-me. — Manda mensagem se começares a hiperventilar numa casa de banho.

— Jacob.

— Que saudades da Selina universitária. — Acenou e seguiu para norte.

Com a brisa a zumbir nos ouvidos, fiquei a vê-lo mover-se com leveza e intencionalidade, de regresso à sua bela vida. Tínhamos 34 anos e a novidade de o Jacob ter uma filha já não era tão chocante, mas, por

vezes, em momentos como este, a diferença entre as nossas vidas abatia-se sobre mim. Dava por mim num lugar como este, junto de uma estrada cheia de carros, no espaço escuro sob a antiga linha de comboio, a ver o mundo a mover-se e a mudar, e a sentir-me presa no mesmo lugar, sem saber se pertencia efetivamente àquele mundo onde as pessoas viviam alegremente o seu amor, ou se havia algo em mim que era suficientemente diferente para me colocar à margem.

Consegui conter-me antes de ficar demasiado melancólica. Afinal de contas, ter perspetiva das coisas era a benesse de estar do lado de fora. Antes estar aqui fora e manter a objetividade do que estar lá dentro, perdida.

Abotoei o casaco e dirigi-me para o metro.

A festa da Maynard-Roth era no Cipriani, um espaço cujos dois andares de colunas de granito cinzento se erguiam sobre Wall Street. No mundo editorial, o local era mais conhecido por acolher anualmente os National Book Awards, em novembro, mas esta noite o ambiente era mais informal. O grande salão cavernoso tinha sido despojado da habitual configuração luxuosa para jantar. Em vez disso, uma centena de pequenas mesas altas formavam longos corredores que se estendiam pelo salão e, a espaços, cavaletes de teca exibiam ampliações de um metro e vinte das capas dos livros da editora. Centenas de pessoas em casacos de tons neutros reuniam-se em grupos à sua volta, conversando enquanto bebiam, de perfis iluminados pelos holofotes que pendiam do teto alto.

Esgueirei-me entre os grupos e ignorei os olhares que se fixavam em mim. Ouvi alguém dizer em voz baixa nas minhas costas:

— Aquela era…

Estuguei o passo.

Junto às janelas que davam para a rua, protegidas por cortinados, havia mesas com aperitivos, além do bar. Engoli algumas fatias de queijo e agarrei num copo de espumante, mas, antes que pudesse retirar-me, ouvi uma voz ansiosa dizer:

— Desculpe, é a Selina Chan?

Virei-me e preparei-me para o pior. Duas mulheres com taças de champanhe na mão olhavam para mim com uma expressão de fascínio mórbido. Consegui esboçar um sorriso tenso.

— Sim. Olá.

A mulher que se tinha dirigido a mim media quase um metro e oitenta e segurava na taça de champanhe como se fosse uma caneca de chocolate quente. Inclinando-se na minha direção como um junco, disse:

— Sou a Eileen. Trabalho na análise de dados na Harper. Li todas as suas críticas.

A amiga assentiu com a cabeça e os meus ombros relaxaram. Afinal, não me odiavam. No mundo da crítica, nunca sabemos quem anda com uma das nossas frases menos lisonjeiras no bolso, agarrada a ela como se fosse uma garrafa.

— Obrigada — respondi. — Fico muito contente.

A Eileen trocou um olhar indecifrável com a pequena amiga loira. Será que, de alguma forma, em quatro palavras, eu tinha dito algo de anormal? Isso seria um recorde, até mesmo para mim. Mas a Eileen acrescentou:

— Esta é a minha amiga Courtney Mitchell. — O pânico espalhou-se pela cara da Courtney, mas a Eileen não se demoveu. — A Courtney é escritora. O livro de estreia dela sai em agosto e é brilhante.

— Ah — acenei com a cabeça para a Courtney. — Vou ficar atenta. Qual é o título?

O seu rosto ruborizou.

— Oh, uau… muito obrigada. Chama-se *Mean Streak*. Espero que goste… se o ler, claro, não que eu espere que o faça…

— Vou lê-lo — disse-lhe. — Parabéns pela publicação.

As duas desapareceram por entre a multidão com uma profusão de agradecimentos efusivos. Escrevi o nome da Courtney no telemóvel e respirei fundo. Podia ter sido muito pior.

Corri o salão e o mezanino, mas não encontrei ninguém da *City*. O que não veio nada a calhar, já que o Scott precisava de saber que eu tinha comparecido antes de poder esgueirar-me dali para fora. Momentos depois, fui arrastada para uma conversa com um diretor editorial que me perguntou se eu podia colocar o último livro de um seu autor na minha lista de leituras.

— Selina Chan, em público! — exclamou com a rara e ousada confiança dos extrovertidos literários. — O Jack ficaria radiante se

escrevesses uma crítica ao livro dele… — Entretanto, por cima do ombro dele, a minha testa era atingida pelo olhar fulminantes de dois homens.

Sem surpresas. Não era propriamente bem-vista pelos romancistas. Ossos do ofício. Seis meses antes, o Christian Gatehead tinha-se referido a mim — oficialmente, no *New York Times*! — como «uma lamurienta insuportável que faz análises de nível universitário com a hipocrisia de um catequista». Uma caracterização mais interessante do que qualquer coisa que tivesse escrito nos seus últimos três livros.

Dei mais uma volta pelo mezanino com o meu copo cada vez mais vazio. Não tinha comido o suficiente. O que fazia eu ali, numa sala cheia de pessoas que olhavam para mim como um atalho tentador para o sucesso comercial ou como o Anticristo literário? Nunca me sentia tão longe do sentido da literatura, uma forma de arte assente na honestidade e na intimidade, como quando ia a estes eventos. À minha esquerda, um grupo de autores explodiu em gargalhadas com um comentário feito pela escritora de *best-sellers* que se destacava no grupo. Olhavam para ela como se quisessem devorá-la.

Quem me dera estar em casa. Como sempre, só me apetecia estar sozinha.

E quando parei junto ao corrimão do mezanino e olhei para baixo, para o salão, desejei estar em qualquer lugar do mundo menos ali. O Parker Navarro acabava de atravessar a soleira da porta, com um casaco de feltro escuro e as bochechas rubras do frio.

Senti a respiração presa na garganta. Fui tomada por uma vontade absurda de fugir. Em vez disso, fiquei completamente rígida, presa ao chão como se tivesse sido pregada.

O Navarro despiu o casaco. Era magro e anguloso, o primeiro autor que via ao vivo e cuja aparência não tinha sido exagerada pelas fotografias ao ponto de parecer irreal. Ele era mesmo assim: elegante, a boca marcada pela melancolia, como se tivesse sido feito para o preto-e-branco.

Antes de eu ter a oportunidade de me mexer, ele levantou a cabeça, o seu olhar atravessou o salão e os seus olhos fixaram-se nos meus.

Uma estreia perspicaz e profundamente comovente sobre arte, ambição e as ligações que tanto nos inspiram como nos destroem.

O romance de estreia de Parker Navarro destinava-se a definir a sua carreira — até que a crítica devastadora de Selina Chan o transformou no fracasso da década. Quatro anos depois, o seu novo livro oferece-lhe uma oportunidade de redenção; para Selina, voltar a criticá-lo é um risco profissional que ela não pode recusar.

Quando a sua segunda crítica destrutiva desencadeia uma disputa viral nas redes sociais, a sorte de ambos muda da noite para o dia. Mas enquanto o mundo literário se alimenta da sua batalha pública, inicia-se um diálogo mais silencioso — um diálogo que desafia tudo o que pensavam saber sobre sucesso, sinceridade e um sobre o outro.

Com tanto de incisivo como de terno, *Palavras Cruéis* expõe os custos da criação: o conflito entre ambição e integridade, a vulnerabilidade de ser visto e a proximidade inesperada que pode surgir no espaço entre a crítica e o carinho.

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-967-8